



## CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE BRASILEIRA: A NARRATIVA DE UM NORTE-AMERICANO SOBRE O BRASIL

Barbara Gallardo(UNEMAT)

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos a narrativa do jornalista norte-americano, Alex Shoumatoff, registrada no livro de sua autoria, *The World is Burning: Murder in the Rain Forest* (1990). O tema é o assassinato do líder seringueiro Chico Mendes e está pautado no relato das impressões do jornalista sobre a região norte do Brasil. Como fundamentação teórico-metodológica, utilizamos a perspectiva socioconstrucionista de narrativa. Analisamos a relação entre enunciado e sujeito, salientando indícios de inconsciência do autor, sua posição no tempo/espaço e exemplos de fato/história contados a partir do olhar deste estrangeiro. Os resultados expõem resquícios de poder camuflados em conceitos e atitudes tendenciosos em relação à natureza e à cultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa, identidade, cultura

## CONSTRUCTION OF A BRAZILIAN IDENTITY: THE NARRATIVE OF A NORTH AMERICAN ON BRAZIL

**ABSTRACT:** In this paper, we analyze the narrative produced by the north-American journalist Alex Shoumatoff and registered in his book *The World is Burning: Murder in the Rain Forest* (1990). The main discussion is about the murder of rubber tapper leader Chico Mendes. In order to explain the facts, the journalist narrates his impressions on the northern region of Brazil. We used the social constructionist perspective of the narrative to guide our approach. We analyze the relationship between speech and subject, emphasizing evidences of unconsciousness of the author, his position in space/time and examples of fact/history according to the look of this foreigner. The results expose remnants of power camouflaged in biased concepts and attitudes toward nature and culture.

**KEYWORDS:** Narrative, identity, culture



## Introdução

Para cobrir um caso que chocou o mundo no final dos anos 80 – o assassinato do líder seringueiro Chico Mendes – o jornalista Alex Shoumatoff publicou o livro *The World is Burning – Murder in the Rain Forest* nos Estados Unidos, no ano de 1990 do século XX. Escolheu, para isso, narrar fatos que considerava importantes sobre os hábitos e comportamento do brasileiro, principalmente dos brasileiros que viviam no norte do país. Por meio de contrastes em relação ao modo de vida norte-americano, apresentou, desde a introdução do livro, uma visão homogênea de cultura. Autodenominando-se um profundo conhecedor da cultura brasileira, o jornalista misturou fatos e história, intercalados por opiniões tendenciosas sobre o Brasil e os brasileiros.

Neste artigo, escolhemos analisar a origem e o contexto de um relato publicado há mais de vinte anos, sob o ponto de vista do *lócus de enunciação* (BHABHA, 1990) de seu autor. Seguimos a visão socioconstrucionista de narrativa, principalmente na perspectiva de Bruner (1986, 1997), que define a narração como organizadora da experiência humana, tendo como pano de fundo o contexto e a cultura, o local e a situação em que ela é produzida. Trata-se da narrativa pública de um fato relevante acontecido antes do advento da internet e que realça a influência das condições sociohistóricas e tecnológicas referentes à circulação da informação para a construção de identidades (LEANDER; MCKIM, 2003). Isto é, uma narrativa publicada em uma época (1990 do século XX) na qual podemos dizer que havia mais controle espaçotemporal sob a circulação de produção/discurso e alcance de interlocutores. Essa condição direcionou a narrativa de Shoumatoff e nos chamou a atenção para o processo de construção histórico-ideológica da organização dos países que ficou/a enraizada no senso comum global. Ou seja, neste caso, a construção do outro (Brasil) como estranho e diferente (ruim) de tudo que somos nós, EUA, nação e povo bem sucedido (bom e padrão).

Para fazer esta análise, destacamos a construção de identidade nacional brasileira na visão de um norte-americano sobre os brasileiros, sul-americanos, em tempos em que os meios de comunicação eram detidos predominantemente pela mídia e pelo Estado e a internet não era um meio de comunicação e participação popular.

### **A construção da narrativa**

*Chico Mendes foi assassinado por um sem-terra confesso no Acre em 1988.*

A afirmação acima não pode ser contestada por se tratar de um fato. Ainda assim, dependendo do ponto de referência, alguns intérpretes da mensagem poderão questionar a sua construção sugerindo que ela destaca alguns pontos, como por exemplo, o nome da vítima, e desconsidera outros. Provavelmente, o uso da voz ativa provocaria um sentimento maior de revolta no receptor da mensagem.

Apesar do parágrafo acima fazer sentido para um grupo de linguistas, a não ser que se prepare um discurso previamente, é impossível passar 24 horas usando estratégias linguísticas intencionais, pois, quando nos comunicamos, automaticamente exprimimos o que somos inconscientemente, através de nossas narrativas. Em uma conversação natural, geralmente, ninguém pensa se vai usar o futuro ou o passado antes de se expressar. Já em uma situação específica, uma entrevista de emprego, por exemplo, o candidato muitas vezes prepara um roteiro *garantido* de narrativas de sucesso e de regras gramaticais corretas. No entanto, é através das respostas dadas fora do roteiro, da língua que nos escapa, que o entrevistador vai tentar entender um pouco sobre quem é o entrevistado. O candidato fala *o que* ele acredita ser o real, se incluindo ou excluindo de determinados grupos sociais, de acordo com o seu ponto de vista. Isto porque, se levado em conta o pensamento técnico que predomina na sociedade capitalista, o que é falado é mais importante do que como se fala, no processo de entendimento do sujeito. Ou seja, em determinadas situações



(contextos e interlocutores), a materialização do pensamento expresso por meio da linguagem tem um peso maior do que a subjetividade transmitida/percebida pelos gestos, expressões faciais, tom de voz, etc.<sup>1</sup>

Em uma situação na qual os interlocutores estão distantes, por exemplo, no enunciado sobre o assassinato de Chico Mendes que abre esta seção, identificamos, por meio da exposição dos elementos linguísticos e organização do enunciado, o ponto de vista inicial do falante e a diferença entre este e outros pontos de vista de outros falantes (que muitas vezes se julgam imparciais). Por vezes, essa diferença provoca discordias entre os interlocutores e conflitos internos no falante. Bruner (2001) ressalta como uma das características da hermenêutica da realidade narrada a vontade do leitor não somente de questionar as origens da criação das narrativas, mas também de interpretá-las. A narração auxilia na interpretação dos fatos à medida que permite que o falante organize suas ideias e as expresse de modo coerente, de acordo com a sua perspectiva.

Assim, é importante compreender que a perspectiva de cada um (posição político-ideológica, visão de mundo) é produto das experiências ao longo do processo de formação do sujeito e, portanto, a perspectiva, a interpretação de cada um não deve ser considerada mais ou menos importante do que outra.

Esse exercício de compreensão não é tarefa fácil. Dentre as circunstâncias envolvidas no processo de constituição do sujeito está o modo como aconteceu a colonização mundial. Spivak (2003) afirma que o poder colonial alterou a autopecepção dos povos colonizados ao legitimar a sua supremacia cultural<sup>2</sup> sobre o *Outro*, que teve sua imagem naturalizada como a

---

<sup>1</sup> Esta colocação ilustra o que chamamos aqui de *uma situação técnica* na qual, no caso de uma entrevista de emprego, o avaliador procura indícios concretos para justificar a escolha do melhor candidato. Esta nota faz-se necessária porque tendo como base uma visão funcional da linguagem, entendemos que as estruturas linguísticas estão intrinsecamente ligadas aos processos sociais, ou seja, texto, significações e contexto. Nesse sentido, não é possível separar linguagem falada e comportamento, pois não são complementos um do outro, mas multiplicadores de sentidos (MEURER, 2006; LEMKE, 2010).

<sup>2</sup> Neste artigo, associamos a compreensão desta dinâmica à atual divisão entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

do *inferior*, do *exótico* (RAJAGOPALAN, 2004). No artigo *Can the subaltern speak?*, ao discorrer sobre as representações da prática do *Sati*<sup>3</sup> na Índia, Spivak (2003) discute a autorepresentação de grupos marginalizados, a heterogeneidade de classes sociais na Índia (cada uma a favor de práticas benéficas aos seus próprios interesses) e a naturalidade com que os filósofos ocidentais Foucault e Deleuze ignoram as condições ideológicas que os constitui, negando, assim, o problema da representação. Em referência a este artigo, Kapoor (2004) comenta:

as nossas construções discursivas estão intimamente ligadas à nossa posição (socio-econômica, de gênero, cultural, geográfica, histórica, institucional), e portanto exigem uma séria auto-reflexão que, às vezes, mesmo aqueles analistas ‘críticos’ de desenvolvimento que estão entre nós, não conseguem fazer.<sup>4</sup> (KAPOOR, 2004, p. 628. Tradução nossa<sup>5</sup>)

O sujeito nessa perspectiva é afetado pela história e, assim, “funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 1990). Ciente dessa condição, é importante que o analista do discurso compreenda que ele, assim como qualquer outro falante, não está isento dos efeitos ideológicos que o envolvem desde o nascimento e, por esse motivo, está, mesmo de forma inconsciente, compreendendo e fazendo interpretações a partir de uma perspectiva pré-estabelecida.

De acordo com Bhabha (1990), o conhecimento da origem e do contexto de uma narrativa é fundamental para que possamos tentar entendê-la, julgá-la, ou reprimi-la. Bhabha chama essa origem de *locus de enunciação* e considera a relação entre a enunciação e o enunciador. A enunciação está ligada ao contexto do falante, que abarca as ideologias e acontecimentos que ele

---

<sup>3</sup> *Sati* é uma prática na Índia, hoje banida, na qual a esposa viúva atirava-se na fogueira durante a cremação do marido morto, como sinal de devoção. Em algumas comunidades hindus, esta prática era obrigatória.

<sup>4</sup> Cf. “(...) our discursive constructions are intimately linked to our positioning (socioeconomic, gendered, cultural, geographic, historical, institutional), and therefore demands a heightened self-reflexivity that sometimes even those ‘critical’ development analysts among us can fail to live up to.”

<sup>5</sup> Todas as traduções neste artigo são de nossa autoria.



vivencia. O enunciado é o que este falante produz (MENEZES DE SOUZA, 2004).

Isto significa que não existem verdades absolutas, fixas e universais; as verdades presentes nas construções discursivas vão sempre depender do grupo social e econômico, idade, etnia, sexo, etc., a que o locutor pertence e, portanto, serão verdades para aquele grupo. Bruner (1997) salienta que interpretar é narrar e que a narrativa nos ajuda a entender o mundo. Conforme este autor, nós interpretamos o que os outros dizem. Não podemos dizer que as pessoas significam isso ou aquilo. Quando produzimos verdades, ou quando as verdades são produzidas, é preciso levar em conta quem está falando, em nome de quem, e em que contexto. Por exemplo, no contexto em que o livro analisado neste artigo foi escrito, era improvável que os brasileiros tivessem acesso àquela narrativa. Caso contrário, outros elementos e situações teriam sido trazidos à tona. Neste caso, *The World is Burning* foi provavelmente escrito para o público norte-americano e de outros países considerados *desenvolvidos* no sistema capitalista. Ou seja, sua produção considerou a relação entre os interlocutores (autor do livro explicando e estrangeiros interpretando 'a' ideologia dos brasileiros). Esta ideologia, de acordo com a interpretação que se tem da narrativa do livro analisado, poderia, para alguns, justificar o assassinato de um líder seringueiro. Mais pontualmente, podemos dizer que a narrativa de Shoumatoff versou sobre a construção de uma identidade brasileira.

Retomando o enunciado de abertura desta seção, a questão linguística sobre o uso da voz passiva em *Chico Mendes foi assassinado por um sem-terra confesso no Acre em 1988* (por exemplo: *Tema: Chico Mendes - Rema*<sup>6</sup>: foi assassinado por um sem-terra confesso), provavelmente chamou menos a atenção de pesquisadores das áreas de antropologia, psicologia ou história, do

---

<sup>6</sup> As denominações *Tema* e *Rema* referem-se à metafunção textual da linguagem que faz parte da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994). O *Tema* é a informação inicial, o elemento central do texto. O *Rema* (o restante) é a informação que vem depois da principal, a secundária. Esta retomada tem o intuito de ilustrar (ainda que brevemente) que, de acordo com a nossa filiação teórica – a Análise Crítica do Discurso (ACD) – a construção linguística é um fator determinante (dentre outros) na produção e manutenção de ideologias.

que a dos da área de linguística. Alguns até poderiam dizer que ela não tem um significado válido. Da mesma forma, que uma psicóloga poderá observar e ressaltar outras características que não foram percebidas por nós, pesquisadores da área de linguística. Podemos discordar e questionar diferentes valores. Todavia, dizer que um ou outro tem razão sobre qualquer assunto não seria sensato, a não ser que os pontos discutidos até aqui fossem ignorados.

A tentativa da construção de um mundo globalizado, por exemplo, deveria considerar a questão colocada acima, com o objetivo de divulgar as estratégias de países economicamente poderosos na produção, consumo e manutenção de significados (FAIRCLOUGH, 1992). Uma das leituras do termo *globalização*, por exemplo, é a de que este fenômeno é usado para impor e espalhar o comportamento ideal e uma única versão de fatos pontuais como certa para o resto do mundo, ignorando e recriminando pensamentos e tradições de povos e classes sociais de menor poder econômico. Números concretos ilustram esta ponderação: 47 países em desenvolvimento detém 0,3% do comércio mundial em oposição a cidades como Nova York, Londres e Tóquio onde acontecem mais da metade das ações identificadas como *globais* (SANTOS, 2010). Ações econômicas refletem-se nos campos social, cultural e histórico, por meio da produção de música, filme, comida, estabelecimento de lojas de vestimenta, eletrônicos, instalação de multinacionais e, com elas, os seus costumes.

A aceitação de uma nação como estabelecadora de regras e comportamentos influencia na construção da narrativa e, por conseguinte, na construção de identidades. Aceitar sem questionar tudo o que é dado implica em um processo de alienação. A reflexão, por outro lado, pode evidenciar diferentes versões presentes nas narrativas. Na perspectiva da realidade narrativa destacada por Bruner (1997), o processo de reflexão faz parte da *negociabilidade inerente* e requer ponderação e sensibilidade em relação ao contexto e ao outro. Do contrário, a negociação sem sustentação pode fazer



florescer o julgamento de narrativas conflitantes e gerar “mais raiva e ressentimento do que consciência” (BRUNER, 1997, p. 140).

A seguir, apresentamos o contexto da narrativa e discutimos a motivação de Shoumatoff para escrever sobre o assassinato de Chico Mendes. Nela, destacamos fatores externos usados pelo jornalista para construir uma imagem do Brasil e dos brasileiros que dialoga com outras naturalizações de culturas muito diferentes como, por exemplo, a cultura latina *vs.* a cultura norte-americana e a cultura oriental *vs.* a cultura ocidental. A diferença é que atualmente essas naturalizações são feitas de modo mais cauteloso devido, dentre outros fatores, ao alcance da informação e, conseqüentemente, aos desdobramentos negativos que elas podem causar em nível global.

### O contexto da narrativa

No final dos anos 80, a notícia do assassinato de Chico Mendes teve repercussão mundial. Habitantes de várias partes do mundo queriam saber notícias e detalhes sobre o conflito e as queimadas na região da Amazônia<sup>7</sup>. Na mesma época começaram a surgir as primeiras preocupações sobre o aquecimento global. A preparação de *The World is Burning* começou logo após a morte de Chico Mendes. O jornalista Alex Shoumatoff tinha vindo outras vezes ao Brasil e já era autor de três livros sobre o país: *In Southern Light*, *Christian Science Monitor* e *The Capital of Hope*. Sabia falar português e sua reputação era a de um “profundo conhecedor da cultura, sociedade e história natural do Brasil”, afirmação presente na contracapa de *The World is Burning*.

O livro foi escrito na língua inglesa e, portanto, conforme mencionamos anteriormente, acreditamos que foi escrito para ser lido por estrangeiros (uma visão do Brasil sob a ótica ideológica compartilhada por autor e leitores norte-americanos). Observarmos esse movimento ao longo da narrativa, por

---

<sup>7</sup> A Amazônia possui circunstâncias geográficas e ambientais que diferem das outras regiões do Brasil. Suas características, o modo como se deu a ocupação de seu território e o histórico de queimadas expõem cada vez mais pessoas e o planeta de forma geral.



exemplo, nas comparações de personalidades e conceitos entre os Estados Unidos e o Brasil:

Eu notei que nos Estados Unidos, Mendes teria sido considerado um comunista ou um líder radical da classe operária” (p. 37); (...) De muitas maneiras, Chico tinha sido como Martin Luther King Jr (...)” (p. 159); (...) “Respeito é muito importante no Brasil...eu comecei a ficar impaciente e irritado com a humidade soporífica, e estava a ponto de fazer um escândalo típico americano. (p. 185)<sup>8</sup>

A comparação com líderes norte-americanos e com situações dos EUA é feita a partir de um ponto de vista particular do autor que apaga a diferença no processo histórico de constituição dos dois países, ou seja, uma comparação sem fundamento concreto, uma opinião. A introdução “De muitas maneiras” em “De muitas maneiras, Chico tinha sido como Martin Luther King Jr” dá a este enunciado uma condição abrangente e, ao mesmo tempo, descompromissada com a informação. Esses e outros enunciados indicam que o intuito de Shoumatoff era o de informar os seus conterrâneos sobre o que *de fato* estava acontecendo na região. Para isso, o modo como o jornalista conduz a narrativa gira em torno de comparações entre o Brasil e os Estados Unidos e a ingenuidade brasileira versus a agilidade dele (narrador) em fazer o que precisa ser feito.

Concordamos que as circunstâncias do assassinato de Chico Mendes são relevantes para se escrever sobre essa tragédia. Afinal, segundo nosso ponto de vista, é a função do jornalista esclarecer fatos e buscar informações sobre acontecimentos relevantes para o desenvolvimento mundial. No entanto, os indícios levantados nesta análise sugerem que Shoumatoff logrou-se de sua situação privilegiada para reforçar estereótipos do povo que vive na região norte do Brasil e estimular o preconceito, prejudicando, assim, a imagem deste país no exterior. Não é nosso intuito questionar a tese de que Chico Mendes foi assassinado por lutar por justiça em um lugar esquecido

---

<sup>8</sup> Cf. “In the United States, I realized, Mendes would have been considered a pinko tree hunger and a radical labour leader” (p.37); (...) “In many ways, Chico had been like Martin Luther King, Jr. (...)” (p. 159); (...) “Respect is very important in Brazil...I began to get impatient and irritable in the soporific humidity and was on the verge of making an ugly American scene.” (p. 167).



pelos governantes. Muito menos a denúncia do desmatamento e as constantes queimadas na região Amazônica, prejudiciais ao Brasil e ao resto do mundo. Ao contrário, a denúncia e exposição internacional desses crimes podem ser eficazes na busca de ações efetivas por parte das autoridades brasileiras.

Nosso argumento é o de que Shoumatoff escreve de forma preconceituosa sobre a cultura de região localizada em um país em desenvolvimento, salientando aspectos negativos (sob o seu ponto de vista) e naturalizando as ações norte-americanas, que, na verdade, são naturais para ele. Podemos perceber que sua identidade inconsciente não consegue enxergar o que é diferente sem recriminar ou comparar. A cultura do jornalista é colocada como *padrão* não somente para os interlocutores de mesma nacionalidade, mas para os demais que têm acesso a sua narrativa. Esta nos remete à ponderação de Kapoor (2004), em referência ao artigo de Spivak (1988)<sup>9</sup>:

acima das representações do terceiro mundo, fundem-se dois significados relacionados, mas descontínuos de representação (1988a: 275-276): 1) “falar para” com o sentido de representação política, e 2) “falar sobre” ou “re-presentar”, com o sentido de dar uma visão geral.<sup>10</sup> (KAPOOR, 2004, p. 628).

“Falar sobre” é uma característica marcante no livro de Shoumatoff. Com essa estratégia, ele traz para a sua narrativa diversos assuntos que não têm relação com Chico Mendes e tampouco com as queimadas. Por exemplo, é de conhecimento mundial que o Brasil tem uma tradição na elaboração de telenovelas. Na página 112, Shoumatoff escreve um resumo sobre os acontecimentos finais da novela *Vale Tudo*, que estava em cartaz na época de sua pesquisa de campo. No mesmo parágrafo, ele acrescenta o seguinte comentário:

---

<sup>9</sup> Trata-se do artigo *Can the subaltern speak?* (SPIVAK, 1988), citado nas referências deste artigo.

<sup>10</sup> Cf. “(...) above representations of the Third World conflate two related but discontinuous meanings of ‘representation’ (1988a: 275-276): 1) ‘speaking for’, in the sense of political representation; and 2) ‘speaking about’ or ‘re-presenting’, in the sense of making a portrait.” (p. 628)

Em um país onde milhares de mentes são subornadas, pervertidas e zombadas pela televisão antes mesmo de serem alfabetizadas, a distinção entre fato e ficção não é sempre clara.<sup>11</sup> (p. 112)

Assim como é realçado ao longo da análise, neste trecho Shoumatoff atribui uma característica que, via de regra, é comum em qualquer país democrático do mundo, ou seja, a influência/representação negativa (na maioria da vezes) da televisão. No livro, essa característica fica restrita à televisão do Brasil. O modo como a identidade brasileira é construída na narrativa atenua, de modo sutil, aspectos negativos como esse que caracterizam o país.

A seguir, apresentamos a metodologia que seguimos para a elaboração deste estudo.

## Metodologia

Utilizamos como base metodológica o paradigma interpretativo por meio da análise qualitativa e exploratória dos dados. A interpretação foi guiada pela noção das ideias que surgem dos significados dados pelo narrador, conforme sua experiência e os objetos que o cercam. O interpretativismo, segundo Bruner (1997), relaciona os fenômenos cognitivos à cultura humana para produzir significados. A forma narrativa estabelece o significado a partir das percepções das normas prescritas socialmente. Neste sentido, salientamos que estamos cientes de que no processo de interpretação deste *corpus*, nossas *verdades*, experiência e identidades influenciaram todo o percurso de investigação, desde a escolha do tema e do corpus até as considerações finais sobre o mesmo (BLOMMAERT, 2008).

Os dados coletados são excertos da obra *The World is Burning – Murder in the Rain Forest*, publicado nos Estados Unidos, em língua inglesa, no ano de 1990 do século XX. Foram selecionadas narrativas de episódios e

---

<sup>11</sup> Cf. “In a country where tens of millions of minds are being suborned, perverted, and zombified by television, even before they attain, the distinction between fact and fiction isn’t always clear.” (p. 112)



visões do autor que não se referiam especificamente ao tema proposto pelo livro, ou seja, o assassinato de Chico Mendes, mas que, em nossa compreensão, ilustraram tendenciosamente as circunstâncias que resultaram neste fato.

Cientes da multiplicidade de identidades que constituem um único sujeito (HALL, 2006), neste artigo, concentramo-nos na narrativa de um estrangeiro para construir a identidade nacional de brasileiros em tempos pré-popularização da internet em que o acesso a discursos era mais frequentemente restrito a localidades geográficas pré-estabelecidas e, portanto, em tempos em que as subjetividades eram influenciadas por situações distintas das atuais, dentre elas, a coerção e a repressão limitadas a um único espaço-tempo.

## Análise de dados

### O Autor, seu País e o resto do Mundo

Shoumatoff começa sua narrativa expondo o lócus de enunciação de seu relato com um aviso:

Parte do problema [*relacionado à veracidade dos fatos*] vem da dificuldade de se obter informação confiável na Amazônia, fato que atormenta os pesquisadores há séculos (...) Outra parte também vem das respostas conflitantes e passionais que o trabalho de Chico e seu assassinato provocam: dependendo de quem está falando, da classe social e o grau de afinidade da pessoa, Chico é o Cristo ou o Anti-Cristo. A maioria das minhas fontes, incluindo os jornais brasileiros – os quais às vezes eram fontes de partes importantes da estória – eram polarizados entre essas duas posições políticas, e portanto, *eu* tinha que pesar as informações cuidadosamente. (p. xv, grifo nosso)<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Cf. “Part of the problem [concerning the veracity of parts of his narrative] is the general difficulty of obtaining reliable information in the Amazon, which has plagued researchers for centuries” (...) “Part of it arises from the passionate and conflicting responses that Chico Mendes’s work and his murder elicited: depending on whom one talked to, and on that part person’s class and kinship loyalties, he was either Christ or the Anti Christ. Most of my sources, including the Brazilian newspapers (...) were polarized between these two political positions, and I therefore had to weigh their information very carefully”. (p. xv)

Este enunciado denota que o jornalista ignora o seu próprio lócus: “Em alguns casos, eu tive que confiar nos meus instintos jornalísticos” (p. xv)<sup>13</sup>. Consequentemente, não se dá conta de que também pertence ao mundo ao qual está se referindo, ou seja, também está interpretando o que ouve e vê, de acordo com a sua visão de mundo: um homem, descendente de anglo-saxões, jornalista bem-sucedido, formador de opinião, cidadão de um país desenvolvido e que não enfrenta problemas relacionados à posse de terra. Neste caso, ele tem razão quando diz:

(...) ninguém nunca saberá exatamente o que aconteceu. Mas eu repito, até que ponto nós podemos confiar em alguma coisa? (...) De muitas maneiras, este é um livro de opiniões, porque os “fatos” desta estória, os quais *eu me empenhei para relatar de forma cuidadosa e imparcial*, às vezes não se encaixam (...) (p. xv-xvi, grifo nosso)<sup>14</sup>

Neste excerto, Shoumatoff parece acreditar que a verdade pura só poderia ser revelada se ele tivesse presenciado o acontecimento. Assim, ele salva sua face (GRICE, 1975), posicionando-se como vítima das *verdades duvidosas* das pessoas que vivem no norte do Brasil.

Dado esse aviso na introdução do livro, Shoumatoff registra várias fatos e as estórias que envolvem<sup>15</sup> esses fatos, a fim de situar o leitor do primeiro mundo. Apesar de não ter nenhuma relação com o assassinato em questão, os fatos relatados são receitas já testadas que poderiam garantir o interesse em uma narrativa (por exemplo, o suicídio de pessoas ilustres que segundo depoimentos colhidos por Shoumatoff, não suportaram viver a realidade do Brasil, os relatos das mulheres do assassino de Chico sobre seu desempenho sexual, seu órgão sexual, suas várias mulheres, casos de incesto, etc.). Esses detalhes são incluídos em sessões do livro ou em parágrafos entre um relato e outro. Essa é uma estratégia recorrente na obra de Shoumatoff. Para Bruner (2001, p. 132), “Uma boa narrativa é aquela que parece verdadeira, plausível.

---

<sup>13</sup> Cf. “In some cases I had to rely on my journalistic instincts.” (p. xv)

<sup>14</sup> Cf. “(...) No one will ever know exactly what happened. But then again, to what extent can you believe in anything (...) In many ways this is a book of opinion, because the “facts” of this story, which I have diligently and impartially endeavored to set forth, sometimes don’t add up.” (p. xv-xvi).

<sup>15</sup> Conforme ilustramos na seção anterior deste artigo.



Ela não precisa ter a verdade, tem que ter organização. Ela assumidamente cria. Ela entretém e cria interesse”. Além de entreter, a narrativa de Shoumatoff reforça uma visão de reprovação e contribui para a construção de um estereótipo do brasileiro que nasce na região norte. Afirmando que *nem tudo é verdade*, o autor mistura fato e estória em sua narrativa, característica que pode interferir no julgamento dos leitores, mesmo quando eles estão *conscientes* dos processos que envolvem a construção de uma narrativa.

As *verdades duvidosas* relatadas pelos brasileiros são vistas pelo jornalista como produto da cultura da região. Ele escreve:

Mas então, eu pergunto novamente, até que ponto podemos confiar em alguma coisa? *Especialmente em um lugar como o Brasil*, onde a visão geral das cenas que vemos são tão fluidas, onde tantas coisas – atitudes culturais, até mesmo a mudança constante da moeda – conspira contra a visão de uma realidade fixa e estável. As coisas são diferentes lá embaixo.(p. xvi, grifo nosso)<sup>16</sup>

Além de Shoumatoff, seu país também está localizado fora da realidade citada por ele no excerto, como se lá pudesse haver uma realidade fixa e estável. Na página 25, ele afirma “Quanto mais se faz pesquisa na Amazônia, mais se percebe que a verdade não está lá, não está enraizada e cravada firmemente em fatos e números como acontece no Primeiro Mundo”<sup>17</sup>. Talvez em 1990, quando o livro foi escrito, a construção dessa *estabilidade* feita pelas classes dominantes que viviam nos Estados Unidos pudesse convencer o resto do mundo. Mas, onze anos depois, os atentados de 11 setembro de 2001 lá ocorridos, os transtornos causados pela guerra do Iraque em 2002 que se arrastam até os dias de hoje, e a destruição da cidade de New Orleans pelo furacão Katrina em 2005 mostraram que não existem verdade fixas, nem mesmo em países desenvolvidos, de moeda forte e economia estável. As verdades vão sempre variar de acordo com os acontecimentos do momento, e

<sup>16</sup> Cf. “But then again, to what extend can you believe in anything? Especially in a place like Brazil, where the general outlook on the passing scene is so fluid, where so many things – cultural attitudes, even the continuously changing currency – conspire against the vision of a stable, fixed reality. It’s different down there.” (p. xvi)

<sup>17</sup> Cf. “The more research you do in the Amazon, the more you realize that the truth does not really reside, is not firmly rooted and lodged, in facts and figures the way it is in the First World”. (p. 25)

em todos os grupos econômicos e sociais. Bruner (2001, p. 131) afirma que “a interpretação da realidade narrativa é profundamente afetada por circunstâncias sociais e históricas”. Ignorar esse fato é como viver em um mundo paralelo à realidade.

No entanto, o deslocamento do centro da verdade não é novidade. O que é interessante nos excertos acima é a nitidez com que o ser humano consegue enxergar certos acontecimentos e apagar outros, de acordo com a lista de prioridades que estabelece, através de sua experiência ao longo do processo de formação de sua identidade. Em 1990, por exemplo, os negros e pobres provavelmente já enfrentavam problemas sociais e econômicos no estado da Louisiana, mas a classe dominante americana ignorava ou *não conseguia enxergar* nada que pudesse provocar instabilidade em sua realidade. *Instabilidade* era uma palavra empregada somente no relato de narrativas produzidas sobre o mundo exterior.

Para Appiah (2003, p. 212), a visão de uma cultura em relação á outra é produto de um artefato disciplinar. Este autor afirma que “a antropologia, nossa fonte de narrativas sobre o outro, tem uma linha profissional em relação à diferença. Quem gostaria de passar um ano ‘no meio do mato’ e voltar com a notícia de que ‘eles’ fazem exatamente o que nós fazemos”<sup>18</sup>.

Shoumatoff relata a destruição da camada de ozônio feita pelos Estados Unidos de forma breve e natural, talvez por serem atos imprecindíveis para o seu desenvolvimento. Por outro lado, sugerimos que há um tom de denúncia no relato da destruição provocada por pessoas alheias ao desenvolvimento tecnológico, habitantes de um país em desenvolvimento. Barthes (1975, p. 264) esclarece que “a narração pode certamente ter significado somente para o mundo que se utiliza dela”<sup>19</sup>. Dentre os relatos sobre o início dos empréstimos

---

<sup>18</sup> Cf. “Anthropology, our source of narratives of otherness, has a professional bias towards difference. Who would want to go out for a year of fieldwork ‘in the bush’ in order to return with the news that ‘they’ do so many things just as we do?” (p. 212)

<sup>19</sup> Cf. “narration can indeed receive its meaning only for the world which makes use of it.”(p. 264)



feitos pelos Estados Unidos ao Brasil, por exemplo, o autor faz o seguinte comentário:

Não há evidências de que os Estados Unidos, ou as instituições de empréstimos multilaterais que o governo americano controla deliberadamente, tivesse emprestado tanto dinheiro ao Brasil nas décadas passadas ciente de que eles nunca teriam condições de pagar de volta, criando assim uma situação macroeconômica extraordinária, semelhante à escravidão econômica dos peões nos seringais, ou como um acadêmico latino americano descreveu para mim, “um jogo de banco imobiliário, no qual somente um jogador tem todas as propriedades”. Mas, há um sentimento espalhado pelo Brasil de que os empréstimos foram uma conspiração para manter o Brasil com poucos recursos...(p. 83)<sup>20</sup>

No final do livro, o autor retoma seu aviso inicial, relatando a incorporação de diferentes identidades que *teve* que assumir de acordo com as passagens narradas. Todavia, assim como fez em outros trechos do livro, salva sua face, justificando para a classe dominante as identidades *politicamente incorretas e inferiores* que assumiu:

A propósito, vocês não acreditaram que eu estava falando sério quando fiz aqueles comentários finais a favor do desenvolvimento e anti ecologista, não é? Eles eram apenas exercícios de sofisma. Às vezes eu inoporo a pessoa de um nazista, um racista, um rastafari ou de uma testemunha de Jeová, para provocar debate. *Isto não significa que eu sou uma delas*. O que nos remete ao aviso dado na introdução deste livro: como nós podemos acreditar em alguém. (p, 359, grifo nosso)<sup>21</sup>

Já quando ele assume a identidade de um ser pertencente à *classe dominante* (como no trecho abaixo), não há justificativas. O relato do luxo e dos privilégios que desfrutou em sua estadia no norte do Brasil parece ser o que considera padrão para sua posição social e surpreendente para o lugar:

<sup>20</sup> Cf. “There is no evidence that the United States or the multilateral lending institutions it largely controls deliberately loaned Brazil so much money over the past two decades that it could never pay it back, thus creating a macroeconomic situation remarkably like the debt peonage of the rubber tapper to the seringalista, or as a latin American scholar once described it to me, “a monopoly game in which one side has all the hotels”. But there is a widespread feeling in Brazil that the loans were a conspiracy to keep Brazil down on its resources flowing north at cutrate prices.”(p. 83)

<sup>21</sup> Cf. “By the way, you don’t really think I really meant those prodevelopment, antiecoligist remarks at the end there, do you? They were just an exercice of sophism. Sometimes I take the persona of a Nazi, a racist, a Rastafarian, or a Jehovah’s Witness, to provoke debate. *This doesn’t mean I’m one of them*. Which brings us back to the caveat raised at the outset: how can we believe anybody?”(p. 359)



Nós estacionamos em frente a um edifício de vidro opaco, o Inácio Palace Hotel, com quartos com ar condicionado nos três andares de corredores longos e perfumados, *um dos poucos lugares na cidade em que o meu sistema de classificação pessoal para o terceiro Mundo estava acima do princípio de horror (...)* Mais cedo ou mais tarde todos os que procurávamos apareciam no lobby do Inácio, ou na piscina do Pinheiro Palace, na qual, como hóspede do Inácio, eu tinha privilégios. (p. 163-64, grifo nosso)<sup>22</sup>

A declaração “meu nível de classificação pessoal para o terceiro mundo” sugere o status que o jornalista acreditava ter em relação ao Brasil. “poucos lugares...acima do princípio de horror” denota também uma situação atípica no Brasil, ou seja, um lugar confortável.

Conforme pontuamos previamente, a mistura fatos e comentários que constroem uma identidade ao povo brasileiro é uma constante na narrativa de Shoumatoff:

(...) Nogueira Neto e Jorge de Pádua, *entre os poucos brasileiros que se importavam [com o controle ambiental] desistiram de seus postos com um disfarce.* (p. 125, grifo nosso)<sup>23</sup>

Para afirmar “Entre os poucos brasileiros que se importavam” seria preciso conhecer todos os brasileiros, ou ainda, sustentar essa informação com fatos relevantes. O jornalista, no entanto, estereotipa o brasileiro e toma como ponto de referência os brasileiros que ele conhece. Quanto à imprensa brasileira, Shoumatoff escreve que:

(...) [ela] freqüentemente coloca as notícias dadas no jornal *The New York Times* sobre o Brasil em manchete; este fato [de o Brasil ser capa do jornal americano] já é notícia (p.129).

O Brasil, neste caso, está representado como mero reprodutor da produção norte-americana. É como se o país não tivesse capacidade,

---

<sup>22</sup> Cf. “(...) We pulled up in front of an opaque glass building, the Inácio Palace Hotel, with air-conditioned rooms on the three floors of long, smelly corridors, one of the few places in town that in my personal grading system for Third World hostelries was above grimness threshold. ... Sooner or later everyone you were looking for showed up in the Inácio’s lobby or at Pinheiro Pallace’s pool, at which, as the Inacio’s guest, I had swimming privileges.”(p. 163-64)

<sup>23</sup> Cf. “Nogueira Neto and Jorge de Pádua, among the few Brazilians who cared, [about environment control] quit their government posts in disguise.” (p. 125)



profissionais competentes para organizar/selecionar as notícias e assuntos relevantes a tratar. Neste trecho, o jornalista também denota a importância que Brasil dá aos EUA, uma vez que destaca sua presença na imprensa norte-americana (“Este fato já é notícia”).

Os jornalistas brasileiros são também alvo de críticas sutis. Podemos dizer que Shoumatoff os enquadra no perfil “ingênuos” quando declara que eles não estavam interessados em cobrir o caso Chico Mendes porque não tinham noção do que tinha acontecido:

A maioria das notícias dos jornais brasileiros era sobre buscas de criminosos. Os jornalistas brasileiros ficaram hospedados no Hotel Veneza, em Xapuri, por várias semanas, esperando Alvarino e os Mineirinhos serem presos. Eles eram um grupo inspirador. Eles não enxergavam a estória, eles estavam atordoados com toda a agitação. Chico não era um herói para os brasileiros, ele era um herói para o consumo estrangeiro. (p. 194)<sup>24</sup>

Ao contrário dos jornalistas brasileiros, o livro denota que além de interessado, Shoumatoff sabia o que tinha acontecido, a ponto de ter tirado conclusões, após as viagens e entrevistas que fez no interior do Acre:

Julio Cesar e eu estávamos chegando à conclusão de que haviam três grupos de assassinos, três níveis para a questão relacionada ao assassinato de Chico”. (p. 252)<sup>25</sup>

Ou seja, a ingenuidade dos jornalistas estava ligada à incompetência dos mesmos em oposição à ‘esperteza’ e competência do narrador. Este contrapõe sua atitude com a atitude dos jornalistas brasileiros, através de comentários, em meio a fatos sobre o crime:

Todos estavam sentados em frente à TV no Hotel Veneza, exatamente como estavam antes de eu sair. Desta vez, eles estavam assistindo a final com a Venezuela na Copa América, a qual o Brasil estava ganhando. Uma onda cautelosa de animação pairava

<sup>24</sup> Cf. “Most of the stories in the Brazilian papers were about the manhunt. The Brazilians journalists stayed holed up at the Hotel Veneza, in Xapuri, for several more weeks, waiting for Alvarino and the Mineirinhos to be caught. They were an inspiring lot. They didn’t see the story at all; they were baffled by the fuss. Chico Mendes wasn’t a hero for the Brazilians, he was a hero for gringo consumption.” (p. 129)

<sup>25</sup> Cf. “Julio Cesar and I were coming to the conclusion that there were three set of killers, three levels to the question of who killed Chico Mendes.” (p. 252)

sobre o país. Tudo indicava que o Brasil estava formando um bom time para disputar a Copa do Mundo. (p. 253)<sup>26</sup>

Diante destes relatos, consideramos que a impressão que Shoumatoff queria causar é a de que a imprensa brasileira não era confiável na divulgação das notícias sobre o caso Chico Mendes e que os jornalistas brasileiros eram despreparados<sup>27</sup>. Isso fazia dele o jornalista eficiente, capaz de relatar os acontecimentos com *imparcialidade*, reforçando assim sua posição de superioridade em relação ao Brasil e seus habitantes.

Sobre essa atitude, compartilhamos as ponderações de Kapoor (2004) e Spivak (1988). Kapoor alega que é comum as pessoas representarem o terceiro mundo, partindo do princípio de que há uma divisão entre primeiro e terceiro mundos, quando o intuito é o de ajudá-lo. Já Spivak afirma que a representação do terceiro mundo vem sempre carregada de poder e sugere uma reflexão quando se fala em nome dos mais fracos, pois, muitas vezes a intenção, segundo esta autora, não é a de ajudá-los, mas a de promover-se.

Consideramos que, mesmo que Shoumatoff pretendesse salientar no final de seu relato (p. 359, excerto reproduzido previamente neste artigo) que ele também faz parte dos que não se pode confiar, assumindo assim que também está narrando fatos e dando opiniões sob uma perspectiva, ele não convence por tratar-se de uma confissão tendenciosa, implícita, incoerente e tardia.

A seguir, discorreremos sobre os caminhos distintos que definiram no livro, o Brasil e os EUA na visão do jornalista norte-americano.

---

<sup>26</sup> Cf. “Everybody was sitting in front of the TV at the Hotel Veneza, just as I had left them. This time they were watching the play-offs with Venezuela in the Copa America, which Brazil was winning. A cautious wave of optimism was sweeping the country. It looked like Brazil was putting together a good team for the World Cup.” (p. 253)

<sup>27</sup> Por exemplo, nos enunciados já citados: “Eles [*os jornalistas brasileiros*] não enxergavam a estória, eles estavam atordoados com toda a agitação” (p. 194); “Todos estavam sentados em frente à TV no Hotel Veneza, exatamente como estavam antes de eu sair.” (p. 253), ou seja, antes de ele sair para apurar fatos enquanto os jornalistas brasileiros ficavam assistindo televisão. Para sustentar essa interpretação (jornalistas brasileiros esperavam as coisas acontecerem), destacamos a declaração “Os jornalistas brasileiros ficaram hospedados no



## Natureza X Cultura

Sendo a identidade sempre social e marcada pelo contexto, inferimos que o autor do livro *The World is Burning* pertence a um mundo onde a racionalidade científica e instrumental é dominante e que inviabiliza a leitura do mundo através de uma racionalidade alternativa (LEFF, 2003). Isso significa que ele privilegia a tecnologia e acredita que o encontro com o mundo tecnificado seja o caminho *natural* do homem. Sendo assim, tudo o que está próximo à natureza é apontado como negativo, atrasado e primitivo.

Para sustentar essa constatação, reproduzimos a seguir alguns relatos presentes no livro, que salientam características não condizentes ao saber científico, portanto considerados sem valor no mundo predominantemente “coisificado” (LEFF, 2003). Esses relatos são constantes na narrativa de Shoumatoff, que também inclui a incompetência dos brasileiros na construção da nação:

Na Argentina, muitos dos empréstimos estrangeiros foram para contas suíças ou usados para comprar armas usadas no confronto com a Inglaterra na luta pelas Ilhas Malvinas. No Paraguai, eles imprudentemente construíram mansões ao redor de Assunção. Os brasileiros, pelo menos, foram mais honráveis e patriotas. Eles fizeram o que tinham proposto. Aplicaram o dinheiro em esquemas grandiosos que pararam no meio do nada, projetos desastrosos de hidroelétricas, e construções imprudentes de usinas nucleares. (p. 84)<sup>28</sup>

Somado aos constantes relatos sobre sexualidade, assassinato, inoperância, analfabetismo, corrupção e vingança, este tipo de comentário pode convencer o leitor de que o *fracasso* dos países em desenvolvimento deve-se ao seu atraso tecnológico e a sua proximidade com a natureza primitiva. A esse respeito, nos embasamos nas ponderações de Bruner (1997),

---

Hotel Veneza, em Xapuri, por várias semanas, esperando Alvarino e os Mineirinhos serem presos” (p. 194).

<sup>28</sup> Cf. “(...) In Argentina many of the foreign loans made their way into Swiss bank accounts or were used to buy arms for the confrontation with the British over the Falklands. In Paraguay they spawned a rash of mansion building around Assunción. The Brazilians, at least, were more honorable and patriotic. They did what they were supposed to do with the money. They applied it to crazy, grandiose schemes that stopped in the middle of nowhere, disastrous hydroelectric projects, ill-advised nuclear plants.”(p. 84)

quando este afirma que o autor de um texto não precisa ser explícito para influenciar a interpretação do leitor, principalmente neste caso, em que o repertório do autor e do leitor é o mesmo. Assim, a narrativa de Shoumatoff sobre o Brasil pode não ter surpreendido os americanos, pois a imagem pré-construída de um país em desenvolvimento era similar à narrativa do jornalista. Sob essa perspectiva, Menezes de Souza (2004, p. 115), a partir da análise da imagem como *reconhecimento* proposta por Bhabha (1994), aponta que “a representação ou imagem é vista como reflexo ou expressão de um conteúdo (o referente) *previamente* conhecido e fixo.

Ainda em relação ao contraste entre natureza e cultura, Shoumatoff narra ações primitivas tomadas no norte do Brasil, que serviram para enfatizar o seu atraso tecnológico.

A atitude que prevalece na América Latina mudou pouco desde o tempo dos conquistadores. Outras formas de vida são predominantemente hostis; elas existem somente para serem exploradas. Não há amor pelos cachorros, que são chutados, passam fome e são deixados do lado de fora da casa. A floresta é um inferno verde e um obstáculo para o progresso. (p.45)<sup>29</sup>

Esse atraso poderia justificar o auxílio prestado por pessoas e entidades vindas de países desenvolvidos para cobrir o caso de maneira *correta*.

As evidências da luta do líder Chico Mendes pelos direitos dos seringueiros no estado do Acre tornam sua credibilidade difícil de ser questionada. Mas Shoumatoff questiona a autoria de algumas ideias de Chico, segundo o jornalista, por terem características que ele considera pertencentes ao mundo *moderno*, inconcebíveis naquele ambiente:

Por que os seringueiros não podiam ter reservas também, reservas extrativistas, onde eles poderiam fazer o que já faziam, o que seria completamente racional e sustentável, além de salvar a floresta e o modo de vida deles ao mesmo tempo? Que

---

<sup>29</sup> Cf. “(...) The prevailing Latin American attitude toward nature has changed little since the conquistadors’ time. Other forms of life are inherently hostile; they exist only to be exploited. There is no love lost on dogs, which are kicked and starved and left outside the house. The forest is a green hell and an obstacle to progress.” (p. 45)



idéia brilhante! À Chico é dado o crédito por essa idéia, apesar do termo “reserva extrativista” soar muito acadêmico para ter saído da boca de Chico. (p.88)<sup>30</sup>

A observação de Shoumatoff pode significar que o autor não vê Chico, um habitante da floresta, com capacidade intelectual suficiente para pensar por si só, em ideias concebidas no mundo economizado. Há, neste caso, uma rejeição da “hibridação de saberes” (LEFF, 2003) e uma discriminação implícita que prestigia e, ao mesmo tempo, lança uma desconfiança sobre sua origem. A visão do grupo minoritário dos seringueiros é então representada como limitada, longe do acesso à cultura comum (Bhabha, 1996).

Já a atitude dos cientistas estrangeiros é sempre privilegiada, e muitas vezes confrontada com a “inoperância” dos nativos, causada pelo “efeito soporífico da Amazônia” (p.177). Na página 126, Shoumatoff registra um trecho da conversa que teve com Thomas E. Lovejoy, um renomado ornitologista, conhecido por sua atuação em defesa das florestas tropicais:

Mesmo se nós ficássemos somente sentados, bebendo cachaça”, disse Lovejoy, “o projeto [Projeto de Ecossistemas de Tamanho Crítico Mínimo] traria benefícios reais. Sua existência influenciou pessoas no mundo todo a pensar sobre a deterioração do ecossistema e a responder através da preservação de áreas maiores.<sup>31</sup>

O relato seria suficientemente esclarecedor sem a alusão à atitude dos nativos sobre a cachaça, mas, como em vários trechos do livro, o autor usa as máximas da conversação (GRICE, 1975) como arma a seu favor para ampliar o significado daquilo que é dito.

A inoperância dos habitantes da região do Acre, no entanto, refere-se somente ao trabalho e as ideias científicas, pois há inúmeros relatos sobre o apetite sexual das pessoas da região. Em um deles, o jornalista reproduz o relato de Francisca da Silva, (segundo o autor, uma das concubinas de Darli)

<sup>30</sup> Cf. “Why couldn’t the tappers have reserves, too, extractive reserves, where they could do what they had already been doing, which was completely rational and sustainable, and save the forest and their way of life at the same time? What an idea! Chico is usually credited with it, although the term “extractive reserve” sounds a little too academic to have tripping off Chico’s tongue.” (p. 88)

<sup>31</sup> Cf. “Even if we had just been sitting around drinking *cachaça*,” Lovejoy told me, “the project would have had some real benefit. Its existence influenced people around the world to think about ecosystem decay and to respond by setting aside bigger areas.” (p. 126)

sobre a vida sexual de Darli Alves, o principal acusado do assassinato de Chico Mendes:

Eu sofria muito em saber que não era a única mulher dele, mas esquecia de tudo quando estávamos na cama (...) Eram duas, três vezes cada vez que dormíamos juntos ... que pinto! Mesmo mole, era grande, como o de um burro.<sup>32</sup> (p. 174)

Sendo a análise pautada na posição do autor quanto aos conceitos vindos dos mundos da natureza e da cultura, é interessante notar no relato acima, a escolha do trecho publicado, ou seja, a comparação do homem da região com um animal irracional.

Outro ponto revelado na análise foi o de que na maioria das vezes em que Shoumatoff chama atenção a um ponto *primitivo* do local, ele o faz não em sua voz, mas na voz de pessoas da região. Essa atitude pode fazer parte da estratégia de isenção de responsabilidade em um possível questionamento da verdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*The World is Burning* mostra muito mais do que um relato sobre acontecimentos que envolveram o assassinato de Chico Mendes. A impressão que transmite é a de que os habitantes do norte do Brasil são incultos, incompetentes, subornáveis, sem acesso à educação tecnológica, privilégio exclusivo dos países desenvolvidos e única opção aceitável. Segundo a narrativa de Shoumatoff, os poucos brasileiros do norte com maior poder aquisitivo ou alfabetizados são movidos pela ganância, exploram o resto da população e não se importam com a situação alheia. Como se esta ‘verdade’ narrada por ele se enquadrasse no sistema capitalista característico daquela região e de nenhuma outra.

---

<sup>32</sup> Cf. “I suffered a lot to know I wasn’t his only woman, but forgot everything once we were in bed ... It was three, four times every time we were together. What a cock! It was seven matchboxes long, limp, like a burro’s.” (p. 174)



Como já mencionado, a questão que se coloca não é a da denúncia e nem do questionamento da veracidade dos fatos colhidos pelo autor. A questão é que Shoumatoff vê um país em desenvolvimento, representado pelo norte do Brasil, como um lugar isolado, onde os acontecimentos são exclusivos daquela região ou de regiões *atrasadas*. Além dos relatos não se enquadrarem na realidade perfeita do mundo do autor, não há o relato de nenhum acontecimento agradável no Acre.

Conclusões como essas estampam sua identidade cultural enraizada em conceitos de superioridade, discriminação e poder, que podem significar tanto a ingenuidade do autor como um reforço consciente no trabalho de naturalização do poder hegemônico da cultura ocidental. Denunciam ainda, uma visão simplista e medieval de classificação social, marcada pela aparência e que ignora a diversidade identitária de grupos.

No livro analisado, a construção identitária do Brasil e dos brasileiros foi construída sob a exposição de estereótipos que eram opostos ao modo norte-americano de ser. A construção de uma imagem negativa do Brasil em contraponto a uma imagem positiva, *padrão* do estrangeiro narrador foi feita a partir do sentido que ele fez dos discursos absorvidos subjetivamente na imagem das culturas às quais teve acesso. Não houve uma reinterpretação dessas imagens no momento que o jornalista vivenciou o lugar. Essas imagens foram reforçadas e serviram de base para demarcar uma identidade aparentemente estabilizada de seu país à custa das escolhas que ele fez para apresentar um fato (uma tragédia) ocorrido no Brasil.

Em contrapartida ao entusiasmo de Shoumatoff em relação ao seu país, a partir dos anos 90 do século XX, episódios, tais como, ataques terroristas, chacinas em escolas, revolta popular, escândalos sexuais, vazamento de informações sobre ações ilegais, etc., arruinaram não só a identidade soberana, mas também a estabilidade absoluta e irreduzível construída no discurso internacional de países como os Estados Unidos, a Inglaterra e a França. O acesso à informação e os efeitos mundiais desses episódios sustentam a tese de que verdades fixas e estáveis são produtos do discurso que as cria,





apagando alguns fatos e salientando outros, em sintonia com as estratégias e práticas disponíveis, e neste caso, ao tempo (tecnológico), espaços de circulação do discurso, e ao poder garantido pela identidade nacional e profissional de quem as cria.

Por fim, a popularização da internet e a criação da Web 2.0 provocaram mudanças nos modos de narração que antes propagavam explicitamente visões homogeneizantes e tendenciosas de cultura como a apresentada no livro analisado. Nos resta agora utilizar esses recursos para desconstruir, por meio de nossas próprias narrativas, o que nos foi, por décadas, imputado em narrativas alheias.

## Referências

APPIAH, K.A. Citizens of the world. In: ZIFF, B.; RAO, P.V. (Eds.). **Questions of cultural identity**. London: Sage, 2003. p. 189-232.

BARTHES, R. On narrative and narratives. **New literary history**, Virginia, v. 6, n. 2, p. 237-272, 1975.

BHABHA, H. **Nation and narration**. London: Routledge, 1990.

\_\_\_\_\_. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.

\_\_\_\_\_. Culture's In-Between. In: HALL, S.; DU GAY, P. (Ed). **Multicultural states: rethinking difference and identity**. London: Routledge, 1996. p. 29-36.

BLOMMAERT, J. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Situar a linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 91-115.

BRUNER, J. **Actual minds, possible worlds**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (Ed.). **Speech acts**. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.



HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Arnold, 1994.

KAPOOR, I. Hyper-self-reflexive development? Spivak on representing the Third World 'Other'. **Third world quarterly**, v. 25, n. 4, p. 627-647, 2004.

LEANDER, K. M ; MCKIM, K. Tracing the everyday 'sitings' of adolescents on the internet. **Education, communication and information**, v. 3, n. 1, p. 11-30, 2003.

LEFF, E. Pensar a Complexidade Ambiental. Tradução Eliete Wolff. In: LEFF, E. (Coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 15-64.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p.455-479, 2010.

MENEZES DE SOUZA, L.M. 2004. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, B. (Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004. p 113-133.

MEURER, J. L. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura. In: KARKOWSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna. 2006.

ORLANDI, E. P. **Terra à Vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo, Cortez; Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e representação**. 2. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SHOUMATOFF, A. **The world is burning: murder in the rain forest**. Boston, Toronto and London: Little Brown and Company, 1990.

SPIVAK, G. Can the subaltern speak? In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (Ed.) **Marxism and interpretation of culture**. Chicago: University of Illinois Press, 1988. p. 271-313.



\_\_\_\_\_. A conversation with Gayatri Chakravorty Spivak: politics and the imagination, interview by Jenny Sharpe. **Signs: journal of women in culture and society**. v. 28, n. 2, p.609-624, 2003.

Recebido em 10 de março de 2014.  
Aprovado em 15 de abril de 2014.

### **Barbara Gallardo**

Formada em Letras - Tradutora/Intérprete pela Universidade Ibero Americana (1993), mestre em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001) e doutora em Linguística Aplicada pelo IEL/ Unicamp (2013), na área de Linguagem e Tecnologia. Professora adjunta na Universidade do Estado de Mato Grosso desde 2006, com experiência na área de formação de professores de língua estrangeira. Interesse e temas de pesquisa atuais estão principalmente relacionados ao Letramento Digital, à Comunicação Transnacional Mediada por Computador, à Análise Crítica do Discurso e Formação de Professores na era tecnológica e à Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Inglesa.

E-mail: barbaracaicara@gmail.com